

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.5590

Sábado, 2 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia

Caçada de Coimbra, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O Conselho Confederal resolveu que A BATALHA mantenha o seu preço actual — vinte centavos

## COMPRESSÃO DE DESPESAS E AUMENTO DE RECEITAS

# 50.000 CONTOS! 50.000 CONTOS!

## É quanto a Moagem deve ao Estado do imposto sobre trigo importado!

Um governo que não tem força para obrigar, o potentado da Moagem que tudo sacrifica aos seus interesses ilícitos, a pagar os impostos que o Estado lhe impõe, também não possui autoridade, para, a pretexto de compressão de despesas, suprimir escolas que devidamente remodeladas e serviços poderiam prestar ao povo. O governo está atentando contra os direitos do povo, prostrando-se humilde perante os interesses da Moagem.

Compressão de despesas e aumento de receitas! Que bela cantiga para nos iludir! Sim, compressão de despesas e aumento de receitas das grandes companhias, dos potentados capitalistas que nos roubam e nos envenenam!

# 50.000 CONTOS!

## “A Ressurreição” de Manuel Ribeiro

Uma obra de ataque à emancipação humana e de apologia à religião católica — A arte mutilada e sacrificada à Igreja — Uma obsessão prejudicial

Talvez por se falar demasiado em compressão de despesas e aumento de receitas, em casa do trabalhador as despesas aumentam e as receitas sejam cada vez mais insuficientes para atender às necessidades mais instantes.

Desde que o governo se entregou à árdua tarefa de reduzir as suas despesas, as receitas da classe capitalista aumentaram duma maneira espantosa. O custo da vida tem subido duma forma brutal, smagadora, fulminante. E o Estado, falando constantemente de compressão de despesas — faz-nos sorrir. Perguntamos a nós próprios porque paradoxa, quanto mais as despesas se reduzem mais difítil se torna a vida do povo. Depois, se as medidas de economia tomadas pelo governo não nos viesssem prejudicar... Mas, além de nos faltar o dinheiro para meter nas mãos da Moagem, para pagar as batatas e a renda da casa, faltam-nos também as escolas onde aos nossos filhos, mais ou menos envenenados, era fornecido o doce do espírito.

E cada vez são menores as possibilidades duma vida normal, porque é difícil fazer economias.

E o povo quem afinal sofre tudo, paga tudo. Paga todos os abanamentos do Estado e do capitalismo, sofre depois quando o Estado ao tomar juiz, quer tornar-se comedido nas despesas.

Mas as grandes companhias, os bancos especuladores, as classes parasitárias onde o Estado mais logicamente deveria ir buscar as suas receitas, prosperam tranquilamente. Ainda não nos constou que o governo tivesse ido buscar o dinheiro de que necessita às grandes fortunas particulares que escandalosamente se acumulam; os bancos, a Moagem, as grandes companhias devem quantias fabulosas ao Estado, que não pagam, porque no parlamento há sempre grande número de deputados eleitos pelo povo, que pedem clemência para essas entidades que estão à beira da miséria.

A Moagem deve nada menos de 50.000 contos do imposto sobre trigo importado, e ninguém lhe exige o pagamento dessa quantia exorbitante, e a própria comissão encarregada de cobrar tem representação da Moagem devorada. Não seria natural que a política de economias do governo, em vez de começar por suprimir escolas, com a vaga promessa de remodelá-las, principiisse por ir à Moagem buscar os 50.000 contos que ela deve e talvez nunca chegue a pagar?

Quando se publicou «A Catedral» foi grande o escândalo. Era o início dos actuais três volumes a que Manuel Ribeiro no fim da sua «Ressurreição» se lembrou e pensou de chamar «Trilogia social». Para os católicos vulgares de Linneu, Manuel Ribeiro com a sua «Catedral» constituiu, no seu patológico exagero, a revolução social tornada mística, folheado e amando a Bíblia... Os avançados menos capazes de subtilezas e más firmes nas suas convicções estremeceram, mas não precipitaram a sua atitude. Com alguma reserva, sensatamente prudente, ficaram à espera, muito atentos... Os mais subtils admiraram, que no momento em que a terra estremecia sob uma bala e vingadora rajada de céu, esquecesse a dor revoltada para ir encarar um livro de duzentas páginas, muito estudo, muita busca aturada na velha Sé de Lisboa a tecer pacientemente hinos à espiritualidade e às materialidades religiosas... Admiraram, uns, como os outros também ficaram atentos e esperando... E' que: uma das figuras da «Catedral», o arquiteto Luciano, ao fechar o livro, saía da São Bento revoltado... Não era uma saída vulgar. A sua saída, por ser feita num agitado estado de alma, na companhia dum operário sindicalista, era intencional. E, como não era a bastante decisiva — não se sabia se Luciano vinha para a guerra social ou se essa aqueria e honesta intenção se nascia evolava sob um bafo frio da temperatura. Uma exaltação às vezes vive tanto de clima... Por outro lado, aquele Luciano, que esteve a nos seus braços a amarrosa e aristocrática Maria Helena e a deixara fraco e frio, num momento de profunda e nobre exaltação dos sentidos, não parecia psicologicamente e fisiol-

icamente, normal. Fora encurvo na hora suprema de ser homem. Talvez, ele fosse uma encarnação do bico da pena de Manuel Ribeiro e a ele ficasse escravo contra toda a verdade humana, para a realização dum alto e talvez simbólico resultado do seu pai e autor.

Espectacular para os avançados, paixão vibrante para os católicos, a «Catedral» merece do escândalo, que não do seu mérito literário — o país ainda se obstina em não comprar um livro — vendê-lo, esgotou-se, rapidamente. Um compasso de espera e surge outra vez Manuel Ribeiro, outra vez Luciano. Era o «Deserto» e era cartuxa a de Miraflores, Luciano, pouco humano na «Catedral», no «Deserto» era quase uma tábida. Nem carne, nem ósso, nem espírito. Destituído intelectualmente e moralmente quanto mais ele faleva, mas nos convicções que os bicos da pena de Manuel Ribeiro, estavam fazendo conversa íntima de Manuel Ribeiro. Ao fim do livro, Luciano sai da Cartuxa — intencioso. O livro, afinal, parecia só num pormenor — recuso muito o descontentamento dos descendentes do conselheiro Acácio — a ameaça em série de volumes dum «film» literário com um Luciano posto a fazer gemer os prelos, sempre esquivo e indeciso, durante grande número de anos. Nessa ocasião pensei, inquieto que morreria antes da herói. Lemos o primeiro capítulo. Lá estava o Luciano — mas estava numa igreja. E, como ele não tem realidade viva nem viva inexistência, evocámos o Manuel Ribeiro que atacara «Eça de Queiroz em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor se esqueceu de dizer onde estava o seu escravo e submisso Luciano. O Luciano estava, porque o autor o diz, sem nenhuma intenção artística ou humana, a pensar... A pensar? Não, o Luciano está a concordar com o Manuel Ribeiro em dar uma tarefa; toda em frases, no entanto que quizessem, porque o autor

# UMA REUNIÃO PANDEGA

## ZANGAM-SE AS COMADRES...

As forças vivas protestam contra o Banco Ultramarino, o Norton e o Estado  
incompetente — Pronunciadas influências de A BATALHA...

### Um Calado que falou pelos cotovelos e insultou os negros

PORTO, 30.—As forças do ódio vivo andam irrequietas. Protestam contra tudo e contra todos. Entrechocam-se numa evidência de luta de classes... mercantilistas...

Ontem tocou a vez ao Banco Nacional Ultramarino ser rudemente atacado por muitos comerciantes e industriais exportadores. O governo, como em todas as últimas ocasiões efectuadas pelo comércio e indústria, não foi poupadão. Apontaram-no até como um elemento de "desordem" e de cumplicidade em toda esta bambochata... Houve afirmações interessantíssimas...

"Os políticos são uns vendilhões..."

— "A hora é de sacrifícios e de trabalho... Isto disse-o um político escocista que, tendo principiado a sua vida pela ratazana das associações de socorro mútuo, sócul para as bandas de Oliveira do Douro, hoje é um rico acionista da Empresa mineira de São Pedro da Cova, da Companhia Carris, sócio de diversos estabelecimentos fabris e comerciais, qualquer coisa na Santa Casa da Misericórdia, etc., etc. Não podendo explicar, por um modo cabal, insofismável, perentório, comcreto, como conseguiu "lícitamente" a sua enorme fortuna, entretem-se a falar hidrofobismo no operariado, chamar-lhe muitos nomes feios e acusando-lhe de viver... «principescamente», medindo-o pela sua biota de «envoicos» e de nefilicida «vadiagem» de poderoso industrial social-e...

Um outro brasturou: «O planalto de Benguela é uma maravilha de Deus». Batendo contra a mão no peito, benzendo-se, fazendo inúmeras figas e deixando um pouco de salivar água benta para todos os lados da sala das sessões da Associação Commercial, aterr

rouz os circunstantes com esta tirada: «Mas o diabo do Banco Ultramarino surgiu a escorrer Deus dessa maravilha, que devia ser só para nós, e enriqueceu à custa do sacrifício dos que lá foram. Nós, afirmou o orador com pindérica energia, fornecemos-lhe os capitais com que ele move os seus negócios. O Ultramarino é o detentor e tutor do nosso dinheiro...

Logo, os «ladrões» acusam-se... Um outro... Calado, não sabendo fazer discursos, assevera que, merece de anúncios mentirosos, arrastam para a traição das febres palustres trabalhadores ignorantes e indeferidos...

A multidão de categorizados comerciantes e industriais «emoçiona-se até às lágrimas... de crocodilo. Mas... não deixou de reparar que aquilo era uma flagrante concordância com o que A BATALHA tem escrito a tal respeito. Que diabol Aplaudir-se, implicitamente, A BATALHA...

O fluente... Calado, deu pela gafe e emendou, apressadamente, o seu anterior e avançado conceito, fazendo, em troca, um combate cerrado à liberdade dos negros. Os pretos, vivendo num estado primitivo, são incapazes de se dirigirem a si próprios. Não é escravidão, mas querer a escravidão, porque, por enquanto, preto não ser gente e career da amuleta comercial e industrial para o explorar e maltratar duramente. A liberdade total dos negros, acarreata a falta de braços, antíquios as colônias...

Não nos dissemos, afinal, o que os pretos andam a fazer com a sua liberdade total, de serem acossados pelos brancos, nem em que consiste a aniquilação. Deu-nos a entender que os pretos andam todos figurões a passar, enquanto os «brancos»...

E' depois de garantir que o Banco Ultramarino, combinado com as poderosas companhias, prepara o monopólio comercial da colônia, ressuscitando para Angóla o que a Companhia da Niassa faz em Moçambique, que Ca-

cos comerciantes e industriais se amotinam num trabalho extenuantíssimo em levar constantemente no «embrião». De resto, se as colônias já não prestam, se a terra de pretos, que se retiram de lá os brancos e não tenham pena dos negros...

Mas depois, concordando que os pretos que temem as costas largas, sempre lhes atenuou as culpas, dizendo que «o funcionalismo criado absorve tudo, tendo de retirar, assim, por incompetente». «Alguns, jura-o, que não tinham onde carir vivos, — onde carir mortos todos tem — reitaram ricos...

Ali! Mas uma enorme Pestana manueilla, batendo freneticamente na chincadeira da multiplicidade de moedas — uma para Angola, outro para os Açores, outra para a Costa Ocidental, outra para a Oriental — desfecha à quem roupa: Esta parece ser a característica de um Estado imbecilizado...

E logo a multidão dos do ódio vivo, ampliativamente retifica: Não parece, etc., etc., etc. ¡Catapuz! Anarquicamente, conquanto também paradoxalmente, afirmando-se a demolir o Estado, que nos últimos tempos tem andado feliz...

E, para refôrzo da iconoclastia acção directa dos revolucionários, a enorme Pestana, conclui o programa tático a seguir: A consciência colectiva, adormecida, precisa d'estes abalos violentos... para se revolver... não só contra o Banco Ultramarino, o Norton de Matos, o governo, o Estado incompetente, a multiplicidade das moedas afim de ficar só uma, contra o monopólio dum banco apenas, mas contra também os ricos negociantes, e industriais que ontêm se refiniram — contra tudo, enfim, que represente a exploração do homem pelo homem, contra toda a ficção de agente de troca modérfica, contra toda a tirania das cartas parasitárias e privilegiadas...

No lugar do Estombar, concelho de Lagoa, reside António Joaquim, de 53 anos, trabalhador, o qual no domingo último, tendo ido à Vila Nova de Portimão, no regresso ao passar no sítio denominado Aldeia dos Cucos, entre Milhóeira e Vila Nova de Portimão, entrou numa taberna para comprar uma caixa de fósforos.

Na referida locanda encontravam-se vários indivíduos, alguns já um tanto embriagados, vendendo-se o António em emboraços para transpor os humbris da porta e que conseguiram passado algum tempo, não deixando porém na entrada de dar um encontro a um dos ebrios, o que originou uma violenta discussão da qual resultou o António ser agredido com duas facadas, uma no rosto e outra no ventre, evadindo-se o agressor em seguida.

Auditaram várias pessoas que prestaram os primeiros socorros ao ferido e reclamada a presença de um médico, que aconselhou o transporte imediato para Lisboa.

Uma vez na capital, foi o ferido conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde foi operado da laparatomia, tendo recolhido em estado grave à sala de observações.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRAIANO

Eden HOJE Eden  
às 21 horas  
A colossal mágica de Eduardo Garrido  
II Pera de Safanaz Teatro

Coliseu dos Recreios  
HOJE — Às 21 horas (9 da noite)

Nova Companhia de Circo

6 Lindos poney's apresentados, em liberdade, pela gentil écuyère  
Melle. Othilia Orlando

AMANHÃ — Deslumbrante matinée BILHETES A' VENDA

Os frutos da taberna

Um homem gravemente ferido à facada

No lugar do Estombar, concelho de Lagoa, reside António Joaquim, de 53 anos, trabalhador, o qual no domingo último, tendo ido à Vila Nova de Portimão, no regresso ao passar no sítio denominado Aldeia dos Cucos, entre Milhóeira e Vila Nova de Portimão, entrou numa taberna para comprar uma caixa de fósforos.

Na referida locanda encontravam-se vários indivíduos, alguns já um tanto embriagados, vendendo-se o António em emboraços para transpor os humbris da porta e que conseguiram passado algum tempo, não deixando porém na entrada de dar um encontro a um dos ebrios, o que originou uma violenta discussão da qual resultou o António ser agredido com duas facadas, uma no rosto e outra no ventre, evadindo-se o agressor em seguida.

Auditaram várias pessoas que prestaram os primeiros socorros ao ferido e reclamada a presença de um médico, que aconselhou o transporte imediato para Lisboa.

Uma vez na capital, foi o ferido conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde foi operado da laparatomia, tendo recolhido em estado grave à sala de observações.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRAIANO

COVILHÃ

AS GREVES

Marítimos de Sines

SINES, 30.—Está carregando, devendo sair brevemente para Lisboa, o célebre bate "Violetas", o fantasma do conflito que aqui se vem agravando há longo tempo. Estamos a ver o vigarístico papel de qualquer outro senhor Augusto Fernandes da Silva, capitão da marinha mercante com nome, pretendendo-a passar por dono da carga para aliviar a firma Rosa & Esteve das pesadas responsabilidades que tem no presente conflito. Estes expedientes porcos, que põem claramente em cheque o critério de quem os pratica, longe de prejudicarem a causa dos marítimos, mais alento-lhe dia após dia que demonstram com a maior evidência que a seu lado, ao lado dos trabalhadores sindicados, está a razão e a justiça.

E depois os operários é que são gente de baixo estofo moral, meneurs, e tantas outras «gracess» inventadas pelos profissionais da pantomimina.

Aguardemos, a recepção desta vez...

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde, para o Alto de São João com grande acompanhamento.

No cemitério organizaram-se os seguintes turnos:

1.º Uma comissão de senhoras; 2.º Direcção do Club Naval; 3.º Representantes de diversas colectividades; 4.º Representantes de vários jornais e da Sociedade Timbre Seixalense 5.º Pessoal da Companhia das Aguas; 6.º 7.º 8.º e 9.º Por amigos pessoais, íntimos e pessoas de família do falecido.

Funerais

Realiza-se hoje, às 14 horas, o funeral do operário canteiro António Borges Ventura. O funeral sai do Alto dos Sete Moinhos, Vila Serafim, porta 1, A secção sindical dos canteiros e polidores de mármore, convide os seus filhos a incorporarem-se.

O falecido, pai do militante dos empregados no Comércio — Edmundo Tavares, era uma excelente criatura e muito popular no meio desportivo onde deixava centenares de amigos e admiradores.

O prestito saiu da morada acima indicada, às 15 horas da tarde

## A BATALHA

## CRÓNICA DO PORTO OS PLANOS DA PATRONAL

## LISBOA NA RUA

## DESPORTOS

## A BATALHA

## NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

Como se inventa um «complot» revolucionário — Prefende-se organizar uma lista de militantes para iniciar uma perseguição arbitrária, auxiliada pelo Estado capitalista

PORTO, 31.— Sempre alimentámos a crença de que a Divisão Provincial do Norte, destacamento portuense da síndica Confederação Patronal, andava a brincar com o padejo...

Pois que não recusasse quaisquer desconfianças sobre a actividade que nos últimos tempos tem desenvolvido, a sua pródita Divisão espalhou aos quatro ventos desta imensa «tripa» citadina que os seus propósitos são não outros senão o de opôr uma barreira forte à cavalgada intensiva da roubalheira de que somos todos vítimas...

Nós franzimos o sobrancelho; e carregámo-lo, porque sendo a Confederação Patronal um vasto regimento de traiçoeiros organizados, jamais poderia ser crível que um dos seus postos se insubordinasse e viesse constituir uma guarda avançada colocada em defesa das multidões espalhadas...

Pois se elas são «adrões» legalizados que duramente tem saqueado a minugada «sociais» do consumidor e produtor; pois se elas tem espalhado entre a população laboriosa a dor, a miséria, a tuberculose e o luto — como é que se podia conceber que os comerciantes, os industriais e financeiros da Divisão Provincial se metamorfosem, à última hora, em «cavaleiros da triste figura» e viessem, montados no seu «rossinante» moral avaria, esgrimir a sua «lança» de descaramentos inauditos, investindo contra os moinhos especuladores dos seus compadres, que nos moem os últimos recursos, os restos da nossa paixão, os derradeiros alegtos da nossa vida?

Não consta que os bois, por uma regra geral, se escorneiem reciprocamente...

Não vimos na misteriosa actividade patronal algo de mais grave. E não eramos...

Montámos o nosso serviço telepatista. Mas ainda não contentes, fizemos incídio sobre o antro patronal a ação «ignea» duns raios potentes, os quais, trespassando as grossas paredes da cripta reacionária, nos puzeram tudo ao sol da vulgaridade profana...

Era isso mesmo que nós prevíramos, porque nós, apesar de tudo, não somos parvos...

O operariado, aquele que sofre todos os enxovalhos, todas as perseguições e todas as misérias, que temento no que vamos expor — se não querer, colhido de surpresa, sofrer todas as consequências de monstruosidade que se lhe preparam...

A Divisão Provincial do Norte, sob a inspiração da sede da Confederação Patronal Portuguesa, a qual, certamente, obedece à pressão do «mão d'ordem» de reacção capitalista internacional — diligência os seus preparativos para uma breve «favosca...»

E para que o ataque violento, a emboscada inopinada, tenha todas as características dum êxito seguro; para que o espírito reivindicativo e as regras já adquiridas pelo proletariado fulminantemente sejam julgados, de modo a que nem sequer se possa pronunciar: «ai Jesus!» — a célebre Divisão, fértil em circulares, distribuiu a semana anterior mais uma aos seus queridos filhos...

Nesse documento, dama tenebrosa, arrapante, de «estarrecer», entre outras lérias, o «dêdo do gigante» escreveu:

... Estando para breve um movimento revolucionário, era da máxima utilidade que todos os industriais lhe enviassem uma lista completa com o nome dos seus operários, as ideias políticas que professam, o nome da rua em que moram e o número da casa em que habitam.

Coiso vêm, estes intuintos da patronal são a coisa a mais inocente deste mundo. Sendo uma instituição de tudo, a Divisão Provincial não tem outra coisa em mira do que fazer uma simples «estatística». Depois, fornecendo-a a cada um dos seus agentes da segurança do Estado burguês para que eles a guardem na «biblioteca» dos seus «complots» imaginários... A seguir, rebenta a bexiga, querer dizer: inventa-se um pretexto qualquer, dá-se-lhe 20 dos 8 episódios, divididos em 17 quadros

Depois da célebre circular informar que, subserviente,

... o ministro tinha pososto à disposição da Confederação todos os meios de que ela precisasse para se defender...

solicita também que lhe seja enviada

uma outra lista com o nome dos indivíduos que foram despedidos até setembro do ano findo..., para serem inscritos no «carneiro negro» e nunca lhe darem trabalho, assassinando-os a fome...

E então, sempre com a nota frisante de confidencial, a circular patronal informa que a Direcção da Confederação já falara com o ministro respeitivo,

... «pondos ao corrente do que se passava e avisados» — (abram aqui os olhos, de forma a ficarem bem repolhudos) — do perigo iminente que corriam todos os indivíduos que pertencessem à classe proletária...

Os «familiares» da inquisição que se forja feriram a tecla do «cravos» «revanchistas», tais são os remorsos dos seus crimes, tal é a consciência nítida do seu banditismo, tal é a compreensão do mal ingente que tem feito à humanidade sofredora...

A patifaria tem sido tanta, tanta, que elas, os poltrões da patronal já sóham, mesmo acordados e em plano duro, com uma multidão de vivos e de mortos em revolta contra os exploradores, com petardos a estilhaçarem os seus palácios, com mil punhais a trespassar-lhes o peito, onde jámais palpável o sentimento humano...

A visão da vingança popular surpreendeu-as, mesmo numa ocasião em que o povo assiste quás indiferente a todo este caso político, económico e social... Tem muito medo, mas pouca vergonha... os patifes...

## TEATROS &amp; CINEMAS

## Reclamos

Todas noites os artistas que no Teatro Nacional interpretam a magnífica farça «O Pasteleiro de Madrigal» são aplaudidos pelos espectadores que não só admiram a peça e a interpretação como testemunham o seu contentamento com os soberbos cenários que a encadram como peças rigorosas e brilhante indumentária porque está realizada.

A Divisão Provincial do Norte, sob a inspiração da sede da Confederação Patronal Portuguesa, a qual, certamente, obedece à pressão do «mão d'ordem» de reacção capitalista internacional — diligência os seus preparativos para uma breve «favosca...»

E para que o ataque violento, a emboscada inopinada, tenha todas as características dum êxito seguro; para que o espírito reivindicativo e as regras já adquiridas pelo proletariado fulminantemente sejam julgados, de modo a que nem sequer se possa pronunciar: «ai Jesus!» — a célebre Divisão, fértil em circulares, distribuiu a semana anterior mais uma aos seus queridos filhos...

Continua conquistando unânime agrado do público que, todas as noites chega ao teatro, a revista do Apolo, o Fruto Proibido, em que Lima De-mel interpretava, com toda a galanteria, entre outros os papéis de Lamire, Mena, das Sonhos e Cartaz americano, estando a cargo da encadramada Elsa Sautuella, do seu «Sóporela política, Cartaz de revista», com Filomeno Cazado e «Enfim só». Joaquim Prata, no «dir. da Mula Russa», continua a alegrar o público, com os comentários da passagem de pega, que tem critica política da maior actualidade e está deslumbrante apresentada.

— Hoje realiza a nova companhia de círculo um grandioso espetáculo no Coliseu dos Recreios, apresentando a gentil éculyère Mademoiselle Otilia Orlando, seis lindos pones em liberdades que executarão surpreendentes exercícios e curiosíssimas evoluções.

Amanhã realiza-se uma grandiosa matinée com um programa excepcional, estando desde hoje os bilhetes à venda.

— Há já alguns dias que o Salão Olímpico exige a lotação devido à exibição de «complot» imaginários... A seguir, rebenta a bexiga, querer dizer: inventa-se um pretexto qualquer, dá-se-lhe 20 dos 8 episódios, divididos em 17 quadros

do «film» e «Parisette» curiosa adaptação do romance do mesmo nome. Está causando pois esta pelúcias uma enorme sensação o que testemunha o admirável desenvolvimento que está tomando a indústria Cinematográfica, e assim, o caprichoso programa que pela última vez se projecta hoje e amanhã neste Salão, vai mais uma vez ter occasião de ser admirado pela população de Lisboa.

O sucesso inegualável conquistado pela célebre mágica A Perza de Satanaz, no Eden-Teatro, firmou-se de tal forma que a aparatoso peça constitui já hoje o espetáculo preferido por todos os habitantes da capital.

— A Perza de Satanaz, com os seus sucessivos deslumbramentos a sua extraordinária maquinaria e a soberba interpretação que lhe dá a companhia António de Macedo, promete manter a longo tempo no cartaz.

CARTAZ

S. CARLOS-A's 21 - Metrópolis. NACIONAL-A's 21 - O Pasteleiro de Madrigal. S. LOUIS-A's 21 - A Lenda do Templo-POLITEAMA-A's 21 - Cristalina. APÓLO-A's 21,15 - Fruto Proibido. AVENIDA-A's 21,30 - Miss os Diabos. EDEN TEATRO - A's 21 - A Perza de Satanaz.

MARQUES VITORIA - Não háhlo espetáculo. COLISEU DOS RECREIOS - A's 21 - Grande companhia de circo. GIL VICENTE - A's 21 - As duas orlas.

OLIMPICO - A's 20,30 - Animatógrafo. SALAO FOZ - A's 14,30 e 20,30 - Variedades. CTIADO TERRASSE - AA's 14,30 e 20,30 - Animatógrafo. CONDES (Avenda) - Animatógrafo. CINE-VERDÃO (Avenda) - Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) - Animatógrafo. IDEAL (Loreto) - Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira) - Animatógrafo. CHANTECLER (Praça dos Restauradores) - Balé-Varieté. PROMOTOR (Largo do Calvario) - Animatógrafo.

— Continua conquistando unânime agrado do público que, todas as noites chega ao teatro, a revista do Apolo, o Fruto Proibido, em que Lima De-mel interpretava, com toda a galanteria, entre outros os papéis de Lamire, Mena, das Sonhos e Cartaz americano, estando a cargo da encadramada Elsa Sautuella, do seu «Sóporela política, Cartaz de revista», com Filomeno Cazado e «Enfim só». Joaquim Prata, no «dir. da Mula Russa», continua a alegrar o público, com os comentários da passagem de pega, que tem critica política da maior actualidade e está deslumbrante apresentada.

— Hoje realiza a nova companhia de círculo um grandioso espetáculo no Coliseu dos Recreios, apresentando a gentil éculyère Mademoiselle Otilia Orlando, seis lindos pones em liberdades que executarão surpreendentes exercícios e curiosíssimas evoluções.

Amanhã realiza-se uma grandiosa matinée com um programa excepcional, estando desde hoje os bilhetes à venda.

— Há já alguns dias que o Salão Olímpico exige a lotação devido à exibição de «complot» imaginários... A seguir,

rebenta a bexiga, querer dizer: inventa-se

um pretexto qualquer, dá-se-lhe 20 dos 8 episódios, divididos em 17 quadros

do «film» e «Parisette» curiosa adaptação do romance do mesmo nome. Está causando pois esta pelúcias uma enorme sensação o que testemunha o admirável desenvolvimento que está tomando a indústria Cinematográfica, e assim, o caprichoso programa que pela última vez se projecta hoje e amanhã neste Salão, vai mais uma vez ter occasião de ser admirado pela população de Lisboa.

O sucesso inegualável conquistado pela célebre mágica A Perza de Satanaz, no Eden-Teatro, firmou-se de tal forma que a aparatoso peça constitui já hoje o espetáculo preferido por todos os habitantes da capital.

— A Perza de Satanaz, com os seus sucessivos deslumbramentos a sua extraordinária maquinaria e a soberba interpretação que lhe dá a companhia António de Macedo, promete manter a longo tempo no cartaz.

CARTAZ

S. CARLOS-A's 21 - Metrópolis. NACIONAL-A's 21 - O Pasteleiro de Madrigal. S. LOUIS-A's 21 - A Lenda do Templo-POLITEAMA-A's 21 - Cristalina. APÓLO-A's 21,15 - Fruto Proibido. AVENIDA-A's 21,30 - Miss os Diabos. EDEN TEATRO - A's 21 - A Perza de Satanaz.

MARQUES VITORIA - Não háhlo espetáculo. COLISEU DOS RECREIOS - A's 21 - Grande companhia de circo. GIL VICENTE - A's 21 - As duas orlas.

OLIMPICO - A's 20,30 - Animatógrafo. SALAO FOZ - A's 14,30 e 20,30 - Variedades. CTIADO TERRASSE - AA's 14,30 e 20,30 - Animatógrafo. CONDES (Avenda) - Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) - Animatógrafo. IDEAL (Loreto) - Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira) - Animatógrafo. CHANTECLER (Praça dos Restauradores) - Balé-Varieté. PROMOTOR (Largo do Calvario) - Animatógrafo.

— Continua conquistando unânime agrado do público que, todas as noites chega ao teatro, a revista do Apolo, o Fruto Proibido, em que Lima De-mel interpretava, com toda a galanteria, entre outros os papéis de Lamire, Mena, das Sonhos e Cartaz americano, estando a cargo da encadramada Elsa Sautuella, do seu «Sóporela política, Cartaz de revista», com Filomeno Cazado e «Enfim só». Joaquim Prata, no «dir. da Mula Russa», continua a alegrar o público, com os comentários da passagem de pega, que tem critica política da maior actualidade e está deslumbrante apresentada.

— Hoje realiza a nova companhia de círculo um grandioso espetáculo no Coliseu dos Recreios, apresentando a gentil éculyère Mademoiselle Otilia Orlando, seis lindos pones em liberdades que executarão surpreendentes exercícios e curiosíssimas evoluções.

Amanhã realiza-se uma grandiosa matinée com um programa excepcional, estando desde hoje os bilhetes à venda.

— Há já alguns dias que o Salão Olímpico exige a lotação devido à exibição de «complot» imaginários... A seguir,

rebenta a bexiga, querer dizer: inventa-se

um pretexto qualquer, dá-se-lhe 20 dos 8 episódios, divididos em 17 quadros

do «film» e «Parisette» curiosa adaptação do romance do mesmo nome. Está causando pois esta pelúcias uma enorme sensação o que testemunha o admirável desenvolvimento que está tomando a indústria Cinematográfica, e assim, o caprichoso programa que pela última vez se projecta hoje e amanhã neste Salão, vai mais uma vez ter occasião de ser admirado pela população de Lisboa.

O sucesso inegualável conquistado pela célebre mágica A Perza de Satanaz, no Eden-Teatro, firmou-se de tal forma que a aparatoso peça constitui já hoje o espetáculo preferido por todos os habitantes da capital.

— A Perza de Satanaz, com os seus sucessivos deslumbramentos a sua extraordinária maquinaria e a soberba interpretação que lhe dá a companhia António de Macedo, promete manter a longo tempo no cartaz.

CARTAZ

S. CARLOS-A's 21 - Metrópolis. NACIONAL-A's 21 - O Pasteleiro de Madrigal. S. LOUIS-A's 21 - A Lenda do Templo-POLITEAMA-A's 21 - Cristalina. APÓLO-A's 21,15 - Fruto Proibido. AVENIDA-A's 21,30 - Miss os Diabos. EDEN TEATRO - A's 21 - A Perza de Satanaz.

MARQUES VITORIA - Não háhlo espetáculo. COLISEU DOS RECREIOS - A's 21 - Grande companhia de circo. GIL VICENTE - A's 21 - As duas orlas.

OLIMPICO - A's 20,30 - Animatógrafo. SALAO FOZ - A's 14,30 e 20,30 - Variedades. CTIADO TERRASSE - AA's 14,30 e 20,30 - Animatógrafo. CONDES (Avenda) - Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) - Animatógrafo. IDEAL (Loreto) - Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira) - Animatógrafo. CHANTECLER (Praça dos Restauradores) - Balé-Varieté. PROMOTOR (Largo do Calvario) - Animatógrafo.

— Continua conquistando unânime agrado do público que, todas as noites chega ao teatro, a revista do Apolo, o Fruto Proibido, em que Lima De-mel interpretava, com toda a galanteria, entre outros os papéis de Lamire, Mena, das Sonhos e Cartaz americano, estando a cargo da encadramada Elsa Sautuella, do seu «Sóporela política, Cartaz de revista», com Filomeno Cazado e «Enfim só». Joaquim Prata, no «dir. da Mula Russa», continua a alegrar o público, com os comentários da passagem de pega, que tem critica política da maior actualidade e está deslumbrante apresentada.

— Hoje realiza a nova companhia de círculo um grandioso espetáculo no Coliseu dos Recreios, apresentando a gentil éculyère Mademoiselle Otilia Orlando, seis lindos pones em liberdades que executarão surpreendentes exercícios e curiosíssimas evoluções.

Amanhã realiza-se uma grandiosa matinée com um programa excepcional, estando desde hoje os bilhetes à venda.

— Há já alguns dias que o Salão Olímpico exige a lotação devido à exibição de «complot» imaginários... A seguir,

rebenta a bexiga, querer dizer: inventa-se

um pretexto qualquer, dá-se-lhe 20 dos 8 episódios, divididos em 17 quadros

do «film» e «Parisette» curiosa adaptação do romance do mesmo nome. Está causando pois esta pelúcias uma enorme sensação o que testemunha o admirável desenvolvimento que está tomando a indústria Cinematográfica, e assim, o caprichoso programa que pela última vez se projecta hoje e amanhã neste Salão, vai mais uma vez ter occasião de ser admirado pela população de Lisboa.

O sucesso inegualável conquistado pela cé

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E' assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio	Pelo correio
Organização Social Sindicalista	500	500
Antonelli, A Rússia Soviética	2400	2400
A Comuna:		
A maçonaria e o proletariado	650	650
Porque não creio em Deus	1000	1000
O Proletariado Histórico	675	675
Agência Lux:		
O Sindicato e os Intelectuais	650	650
Briand, A greve geral	950	950
Bruno, No seio em que somos anarcos	650	650
Carlos Ribeiro, A ditadura do Proletariado	650	670
Chapíer, Porque não creio em Deus	1000	1020
Chuchua, Como não ser marxista	820	850
Sr. Albert, O amor livre	400	400
Content, Contra o confusionalismo	620	630
Dufour, A burguesia e a proletarianização (4 vols.)	800	800
Emilio Bossi, Cristo nunciado (exclusivo)	500	500
Eduardo Heulot, A evolução liberal e anarquista	650	650
Eduardo Sabachich, O comunismo	500	500
Esteves, A amma italiana	650	650
Geo. Williams, Relatório dos delegados dos I. S. V. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou	1000	1000
Girault, A questão social no Brasil	650	670
G. O. N. M., Proscrição científica	650	650
Gustavo Molinari, Problemas sociais	200	240
Gustavo Le Bon		
As primeiras consequências da guerra (4 vols.)	500	500
Ensaios psicológicos da guerra europeia	500	500
Guyau, Entomologia mural e sua origem na saúde	650	650
Educação e Hereditariade	650	650
Hamon, A conferência da Paz e as fases da guerra mundial	650	650
O movimento operário na Gran-Bretanha	450	450
Psicologia do socialista-naturalista	450	450
A Crise do Socialismo	650	650

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos \$50. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$600.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos e instruamo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

## SECÇÃO DE LIVRARIA

## “A BATALHA”

LISBOA — Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º — PORTUGAL

Pelo correio

Trostky, Constituição Política da República dos Soviês

Um de Nós — A Canhula

Helloido Salgado, O culto da imundícia

Mentira religiosa

Jean Graver, Asociación Futura

Auraria, las e meios

O Análisis y la Sociedad

João Bonifácio, O Seculo e o Círculo

Joseph J. Etter, Union Industrial

Justus Ebert, Os L. W. W. de Deus

Chuchua, Como não ser marxista

Sr. Albert, O amor livre

Content, Contra o confusionalismo

Dufour, A burguesia e a proletarianização (4 vols.)

Emilio Bossi, Cristo nunciado (exclusivo)

Eduardo Heulot, A evolução liberal e anarquista

Eduardo Sabachich, O comunismo

Esteves, A amma italiana

Geo. Williams, Relatório dos delegados dos I. S. V. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou

Girault, A questão social no Brasil

G. O. N. M., Proscrição científica

Gustavo Molinari, Problemas sociais

Gustavo Le Bon

As primeiras consequências da guerra (4 vols.)

Ensaios psicológicos da guerra europeia

Guyau, Entomologia mural e sua origem na saúde

Educação e Hereditariade

Hamon, A conferência da Paz e as fases da guerra mundial

O movimento operário na Gran-Bretanha

Psicologia do socialista-naturalista

A Crise do Socialismo

Pelo correio

Henrique Leite, — O Sindicato

Trotsky, Constituição Política da República dos Soviês

Um de Nós — A Canhula

Helloido Salgado, O culto da imundícia

Mentira religiosa

Jean Graver, Asociación Futura

Auraria, las e meios

O Análisis y la Sociedad

João Bonifácio, O Seculo e o Círculo

Joseph J. Etter, Union Industrial

Justus Ebert, Os L. W. W. de Deus

Chuchua, Como não ser marxista

Sr. Albert, O amor livre

Content, Contra o confusionalismo

Dufour, A burguesia e a proletarianização (4 vols.)

Emilio Bossi, Cristo nunciado (exclusivo)

Eduardo Heulot, A evolução liberal e anarquista

Eduardo Sabachich, O comunismo

Esteves, A amma italiana

Geo. Williams, Relatório dos delegados dos I. S. V. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou

Girault, A questão social no Brasil

G. O. N. M., Proscrição científica

Gustavo Molinari, Problemas sociais

Gustavo Le Bon

As primeiras consequências da guerra (4 vols.)

Ensaios psicológicos da guerra europeia

Guyau, Entomologia mural e sua origem na saúde

Educação e Hereditariade

Hamon, A conferência da Paz e as fases da guerra mundial

O movimento operário na Gran-Bretanha

Psicologia do socialista-naturalista

A Crise do Socialismo

Pelo correio

Henrique Leite, — O Sindicato

Trotsky, Constituição Política da República dos Soviês

Um de Nós — A Canhula

Helloido Salgado, O culto da imundícia

Mentira religiosa

Jean Graver, Asociación Futura

Auraria, las e meios

O Análisis y la Sociedad

João Bonifácio, O Seculo e o Círculo

Joseph J. Etter, Union Industrial

Justus Ebert, Os L. W. W. de Deus

Chuchua, Como não ser marxista

Sr. Albert, O amor livre

Content, Contra o confusionalismo

Dufour, A burguesia e a proletarianização (4 vols.)

Emilio Bossi, Cristo nunciado (exclusivo)

Eduardo Heulot, A evolução liberal e anarquista

Eduardo Sabachich, O comunismo

Esteves, A amma italiana

Geo. Williams, Relatório dos delegados dos I. S. V. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou

Girault, A questão social no Brasil

G. O. N. M., Proscrição científica

Gustavo Molinari, Problemas sociais

Gustavo Le Bon

As primeiras consequências da guerra (4 vols.)

Ensaios psicológicos da guerra europeia

Guyau, Entomologia mural e sua origem na saúde

Educação e Hereditariade

Hamon, A conferência da Paz e as fases da guerra mundial

O movimento operário na Gran-Bretanha

Psicologia do socialista-naturalista

A Crise do Socialismo

Pelo correio

Henrique Leite, — O Sindicato

Trotsky, Constituição Política da República dos Soviês

Um de Nós — A Canhula

Helloido Salgado, O culto da imundícia

Mentira religiosa

Jean Graver, Asociación Futura

Auraria, las e meios

O Análisis y la Sociedad

João Bonifácio, O Seculo e o Círculo

Joseph J. Etter, Union Industrial

Justus Ebert, Os L. W. W. de Deus

Chuchua, Como não ser marxista

Sr. Albert, O amor livre

Content, Contra o confusionalismo

Dufour, A burguesia e a proletarianização (4 vols.)

Emilio Bossi, Cristo nunciado (exclusivo)

Eduardo Heulot, A evolução liberal e anarquista

Eduardo Sabachich, O comunismo

Esteves, A amma italiana

Geo. Williams, Relatório dos delegados dos I. S. V. W. ao congresso de I. S. V. de Moscou

Girault, A questão social no Brasil

G. O. N. M., Proscrição científica

Gustavo Molinari, Problemas sociais

Gustavo Le Bon

As primeiras consequências da guerra (4 vols.)

Ensaios psicológicos da guerra europeia

Guyau, Entomologia mural e sua origem na saúde

Educação e Hereditariade

Hamon, A conferência da Paz e as fases da guerra mundial

O movimento operário na Gran-Bretanha

Psicologia do socialista-naturalista

A Crise do Socialismo

Pelo correio

Henrique Leite, — O Sindicato